

---

## As juventudes pós-modernas na cibercultura: interações virtuais e ocupação do espaço público<sup>1</sup>

Marluce Zacariotti<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Tocantins, Tocantins, TO.

### RESUMO

Este artigo aborda tópicos relacionados à pesquisa realizada sobre juventudes e cibercultura, oriunda da tese de doutorado: (IN)visibilidades das juventudes pós-modernas: trilhas estéticas na cibercultura. Reflete sobre a condição e a cultura juvenil, seus modos de ser e estar no mundo, sobre as relações comunicacionais nos espaços virtuais. Ancora-se teoricamente, principalmente, no pensador francês Michel Maffesoli e tem como objeto elementos observados em *Flash mobs* (vídeos no *Youtube*) e em grupos que mantêm Site/páginas de *Facebook* destinados à divulgação de encontros artístico-culturais. A reflexão aponta para a elaboração da ideia de intensidade das práticas juvenis, para a identificação juvenil com um espírito dionisíaco e com a metáfora de Afrodite e para uma inusitada ocupação dos espaços públicos pelas juventudes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cibercultura; juventudes; pós-modernidade; cultura juvenil.

Os comportamentos, atitudes e as relações sociais estão se reconfigurando, bem como os modos de ser e de estar no mundo. Reflexo em grande medida de uma espécie de saturação, para usar uma expressão do pensador francês Michel Maffesoli (2006), dos princípios, normas e ordenação social da Modernidade. Muitos filósofos e sociólogos estão se debruçando sobre os sinais dessa saturação que se apresentam na contemporaneidade. Fala-se em crise da modernidade que teria sido impulsionada por uma nova ordem econômica, pelos processos de globalização e pelos avanços tecnológicos (especialmente da tecnologia digital), inaugurando um novo tipo de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GP Comunicação e Culturas Urbanas, no XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Doutora em Educação (PUC-GO); Mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP), Graduada em Jornalismo (UFG). É professora do curso de Jornalismo (UFT) e do Mestrado profissional em Jornalismo (UFT). Coordena o grupo de pesquisa CNPq Comunicação, sociedade e meio ambiente.

---

sistema social e uma nova concepção de mundo. Enfim, anunciando a Pós-modernidade<sup>3</sup>.

Dentro deste contexto, este texto apresenta alguns pontos relevantes da minha pesquisa de doutorado, que resultou no livro (In)visibilidades das juventudes pós-modernas – trilhas estéticas na cibercultura (Editora CRV, 2017) e procura refletir sobre a condição das juventudes pós-modernas, a cultura juvenil e suas trilhas estéticas/comunicacionais na cibercultura.

Para melhor entendimento do texto, destaca-se que a pesquisa originária centrou-se em movimentos estéticos de tribos (Maffesoli, 2006) que se encontram pela Internet (*Facebook, blogs*) para articular encontros, festas, shows, *performances* e estão ocupando o espaço público. Os grupos são chamados coletivos porque tudo é colaborativo e promovem desde festas em casarões abandonados nos grandes centros, até shows e *performances* nos espaços públicos.

Nosso objetivo foi investigar na cibercultura, as juventudes<sup>4</sup>, as novas formas de socialidade (MAFFESOLI, 2006) e de comunicação das tribos por meio de suas diversas manifestações artísticas. A pesquisa teve como objeto também as *flash mobs*, que são mobilizações das mais variadas marcadas pelas redes, em que as pessoas se encontram, executam a ação proposta e se dispersam na mesma hora. Pode ser uma dança, uma *performance* ou algo absolutamente sem sentido, como a experiência do *Silence Disco* (cada um ouve a sua música com fones de ouvido, entram num transporte

---

<sup>3</sup> Cabe fazer uma distinção importante entre termos que, por vezes, aparecem como sinônimos em algumas obras: pós-modernidade e pós-modernismo. Tomaremos como referência neste trabalho a explicação de Terry Eagleton. Segundo ele (1996, p.3), “A palavra pós-modernismo refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo pós-modernidade alude a um período histórico específico. Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação”. Vale, no entanto, destacar que o próprio autor, apesar de fazer a distinção, diz que usará no livro o termo “mais trivial” pós-modernismo dada a estreita relação entre ambas as expressões. Outro alerta é que o autor estaria alinhado com os teóricos que se posicionam criticamente frente à pós-modernidade. Embora não neguem sua emergência.

<sup>4</sup> Utilizamos a expressão juventudes como marca lingüística para designar o jovem múltiplo e plural, não na perspectiva geracional. Ver mais sobre essa discussão em Novaes e Vannuchi (2004); Abramo e Branco (2005); Guimarães; Sousa, 2009; Barbosa (2012).

---

público começam a dançar, cada um no ritmo da sua música, mas os outros não estão ouvindo, daí a estranheza da cena); do *No Panths*, consiste em invadir transportes públicos sem calças, apenas com as roupas íntimas da cintura para baixo; a guerra de travesseiros; a caminhada de zumbis; e alguns do tipo institucional a exemplo do realizado no terminal Tietê, em São Paulo (este, representa o uso que a mídia/mercado faz das manifestações cotidianas). As *flash mobs* têm como princípio serem inusitadas, efêmeras, com o mínimo de combinação, espontâneas. No fundo é o que causa impacto e revela um gozo da vida sem sentido. Mas a mídia e o mercado vão se apropriando e têm usado essas expressões como estratégias de marketing.

### **Subterrâneos sociais – *locus* das tribos**

Há muito a ver, sentir, ouvir do que está no subterrâneo social. Esse mosaico de cores, gestos, expressões, sentidos, esse fluir da vida pelo excesso e pelo prazer (que essas imagens que acabamos de ver nos revelam) instiga perguntas inquietantes: Que juventudes são essas? Onde estão? Por que não as vemos? Ou será que de alguma forma as vemos e não nos damos conta disso? E mais: que sentido e consequências têm tudo isso?

Atrevemo-nos a seguir algumas trilhas dessas juventudes para descrever o que ia se revelando. E, para nós, nos encontros dessas juventudes, em suas manifestações estéticas, artísticas conseguimos tatear alguns dos sinais que apontam um novo modo de ver e viver o mundo. Esse caminhar foi iluminado por uma constatação simples de Maffesoli (2005): a de que há muitas surpresas nos numerosos fenômenos sociais contemporâneos, em especial nas práticas juvenis e nos movimentos que estão em curso na criação artística e na vida de todos os dias. Enfim, o que se necessita pensar: a profunda significação do sem sentido da vida.

---

Sartre disse certa vez que era preciso criar um projeto de vida, que todos precisam ir caminhando em direção a esse ideal. Dizer isso aos jovens de hoje parece algo surreal porque como pensar num projeto futuro se não se sabe o amanhã? Mas esse não saber faz parte do que acreditamos ser um novo paradigma desenhado na pós-modernidade.

### **Pontuações sobre nosso lugar de fala**

Mas o que é pós-modernidade? Há mais de 30 anos os intelectuais vêm discutindo o tema em torno de duas questões centrais: o que é a pós-modernidade e quando ela começou. Há ainda quem diga que ela não começou porque sequer saímos da Modernidade. As teses mais variadas aparecem para este tema controverso. Alguns autores procuraram dar respostas a essas inquietações, tendo sido o francês Jean François Lyotard, com o seu *A condição pós-moderna*, em 1979, um dos primeiros pensadores a dar uma resposta mais consistente ao que seria a pós-modernidade. E ele, procurando aqui ser extremamente sucinta, desenvolveu suas ideias a partir da premissa de que a pós-modernidade nada mais é do que a contestação da verdade absoluta. Ou seja, coloca-se em xeque a ideia de verdade construída até agora pelos pensadores modernos. Isso significa dizer que as grandes narrativas (da história, por exemplo) deixam de ser centrais para ganharem força as micronarrativas (as pequenas histórias do cotidiano).

O que esses pensadores da pós-modernidade trazem de fundo é a relativização. Nesse sentido, em termos de posições e ideias não somos produtores de doutrinas, de certezas, mas de probabilidades, de hipóteses. Mas cada um dos autores relacionados à pós-modernidade buscou uma linha de raciocínio, embora mantendo em comum a contestação do paradigma moderno da racionalidade, do projeto, do futuro, da centralidade do homem econômico e político.

---

Nesse contexto, um dos pensadores que mais tem se dedicado a revelar o novo paradigma pós-moderno, deslocando o olhar para o cotidiano, para os subterrâneos sociais e para as práticas juvenis é o sociólogo francês Michel Maffesoli, autor, entre outros, de **O instante eterno (2003)**, **A sombra de Dionísio (2005)** e **O Tempo das Tribos (2006)**. Para ele, a pós-modernidade caracteriza-se pelo tribalismo e não pelo individualismo e é marcado pela sinergia entre a tecnologia de ponta e o arcaico. E esse arcaico é tudo o que é da ordem do sentimento, da emoção, do não-racional: o amor, o ódio, os desejos de modo geral, o espírito orgiástico do viver. Um exemplo muito significativo para essa assertiva de Maffesoli seria a Internet. Imaginem que em sua constituição a Internet foi criada para fins militares, para manutenção de informação e poder. Hoje é também usada (talvez até principalmente) para namoros, bate-papos, sexo, jogos e prazeres de toda ordem, como as tribos a que me referi (as *flahs mobs* e os grupos colaborativos). Ou seja, a tecnologia mais de ponta possível usada também para brincadeiras, para o que se insere naquilo que Maffesoli (2001) denomina “Razão Sensível”. A razão sensível trata de perceber as paixões, os sentidos, o afetivo, o não-racional. Assim, para o pensador, cai por terra o sentido restrito de utilidade, de grande utopia. Mas isso não significa que não tenhamos as pequenas utopias.

Freud e Nietzsche destacaram: não é a razão que comanda o homem, mas forças que até desconhecemos e nelas estão os desejos, os impulsos, os prazeres, aquilo que as nossas estruturas normatizadoras de certa forma abafam. Freud chamou essas forças de inconsciente. Nietzsche trouxe a metáfora de Dionísio, o Deus grego do vinho, dos prazeres, da alegria, da vida para afirmar o não-racional. Mas é claro que ao ressaltar essas forças, não se pode dizer que a política não existe mais, que o mundo econômico e os princípios da razão simplesmente se esvaíram. Mas é possível pensar numa saturação e numa relativização desses princípios. E assim poder refletir também sobre as

---

consequências do mundo tecnológico, virtual, das amplas conexões de informação, que vão para além da usabilidade, processando-se uma verdadeira reconfiguração do tempo, do espaço e das relações.

Mas o que queremos chamar atenção é para esse aspecto da pós-modernidade de dar voz a essa razão sensível, de uma certa manifestação do desejo e da expressão desses desejos também. Dito de outra forma: a pós-modernidade acena para o rompimento das amarras que impedem ou ofuscam esse desejar (um desejar meio fora da ordem, meio fora do lugar, se pensarmos nos padrões forjados pelo pensamento moderno).

A perspectiva de Maffesoli, cuja inspiração é muito Nietzshiana (vem de Nietzsche a ideia de “pessoa” e de “tribo”) é a da saturação do indivíduo e da emergência do tribalismo ou neotribalismo. Assim, em vez de indivíduo cumprindo uma função, temos pessoas exercendo papéis vários na socialidade (MAFFESOLI, 2006). Nietzsche, ainda, inspirou a distinção entre o drama e a tragédia. “Nosso modo de pensar é dramático, quer saibamos ou não. No drama, há uma ação que deve ser solucionada. É uma concepção judaico-cristã, encontrada no marxismo, a dialética que promove a síntese”, aponta Maffesoli (2003, p. 41). O trágico, porém, é o que ele chamou de instante eterno (idem, ibidem), pois a busca não é pela eternidade; o foco está no presente e no gozo. Daí a ideia de Maffesoli (2003) segundo a qual o prazer teria, portanto, relação com o trágico, e a caracterização do Brasil como sendo um laboratório da pós-modernidade.

E foi esse laboratório que procuramos investigar, indo ao encontro das tribos, de sua maneira de desenvolver a socialidade, de experienciar esteticamente a vida, suas construções simbólicas que reinventam a vida sexual, o estar-junto, o trabalho, as relações sociais e a comunicação. Esses mecanismos que as juventudes encontram para

estabelecer novas formas de solidariedade, de vizinhança ou de resistência são o que Maffesoli chama de pequenas utopias ou o que Lyotard (1989) denominou micronarrativas. Esgueirando-me entre essas pequenas utopias fortemente marcadas pelas tecnologias digitais, pelos movimentos artísticos forjados na cibercultura deparei-me com as juventudes que eu apostava *invisíveis* para as estruturas tradicionais da sociedade (escola, igreja, estado). Nas festas colaborativas realizadas nos prédios e velhos casarões abandonados dos grandes centros que são ocupados para o estar-junto emocional; no palco aberto do **Show da rua**<sup>5</sup>, que ocupa o espaço público (praças, viadutos, escadarias); na irreverência das festas eróticas do coletivo **Sacanagem**<sup>6</sup>, revelam-se as juventudes pós-modernas de espírito dionísico de que nos fala Maffesoli (2005, 2006). Observa-se também a sombra de Afrodite, a deusa da sensualidade, que propomos como metáfora para esse viver sensual, erótico que permeia as juventudes. Por isso pensamos que o casamento de Dionísio (a vida, a alegria, o orgiástico) com Afrodite (a sensualidade e a sexualidade) seria uma metáfora possível para representar essas tribos, cujos modos de viver e de se relacionar, de pensar e fazer vão se cimentando no seio social em forma de uma verdadeira *juventologia* (para a qual não há idade, regra, mas um modo de ser jovem apenas).

Maffesoli (2006) já dá o sinal: comunicação é cimento social. E estão aí as redes sociais, os blogs, sites, a interatividade e a instantaneidade que ampliam, exacerbam as possibilidades de conexão e transmissão desse modo de ser jovem.

---

<sup>5</sup> Coletivo que promove shows com bandas alternativas em espaços públicos, especialmente praças. Por meio de sua comunidade pública no *Facebook*, posta a programação e os membros podem acompanhar onde será o evento. Promove-se o show com cartazes específicos que são postados na página e, em geral, o evento é gratuito ou tem ingresso colaborativo. Ver mais em <https://www.Facebook.com/showderuas/timeline>.

<sup>6</sup> Esse grupo se propõe a organizar festas, mas com teor mais sensualizado. A página possui quase 1500 curtidas. Além do nome do grupo que é bem ousado, sua *tag* de reconhecimento (enquadramento no tipo de perfil) é energia/serviços públicos. Ambos funcionam como uma “senha”, pois em princípio as palavras não representam o teor da página. Ver mais em: <https://www.Facebook.com/pages/SACANAGEM/671236499582431?fref=ts>.

---

Então, retomando um pouco a ideia inicial de que é preciso pensar o sem sentido da vida, pensamos que as trilhas estéticas de grupos que se articulam na cibercultura nos levam exatamente a isso. Não dá para explicar com uma lógica racional simplesmente um grupo de jovens que entra no metrô sem calças; ou o outro grupo que combina um desmaio coletivo na rua; ou ainda uma caminhada de zumbis ou uma guerra de travesseiros entre desconhecidos. Estas expressões estéticas, articuladas nas redes, têm no “sem sentido” algo comum: o simples prazer de estar-junto, de viver o instante, de gozar a liberdade, de criar novas formas de pertencimento. Mas tanto esse “sem sentido” faz algum sentido que expressões como as *flash mobs* vão sendo absorvidas, cimentando-se de algum modo, sendo reconfiguradas para o mundo do consumo. Basta lembrar que empresas estão usando *flash mobs* como estratégias de marketing.

### **Ocupação dos espaços públicos**

Interessante pensar sobre algo que nossa pesquisa revelou: que o desejo de estar junto, de compartilhar percorre as redes, no entanto, ganha expressão, se desenvolve mesmo é na rua. Ainda que tudo seja articulado no ciberespaço, o que se percebe na maioria dos grupos é a (re)conquista do espaço público. Tanto que a palavra comum nas descrições e postagens (no *Facebook*) é ocupar. Nesse sentido, fazemos um contraponto com a perspectiva mais eufórica de teóricos da cibercultura, para os quais a vida se dá no ciberespaço.

Para Maffesoli (1997), há uma crise da representação política. Segundo afirma, os jovens não querem mais ser representados por políticos e partidos. Perderam-se a credibilidade e a identificação com o projeto político atual. É possível que sim, mas não é que esses jovens não se afirmem politicamente. Pode ser que esteja acontecendo uma reconfiguração do político. No caso em questão, sem a intenção específica de combater nada, as bandas e o público da *Virada ilegal* (evento paralelo à virada cultural de São



---

Paulo, com bandas alternativas) ocupam a cidade, dividem o espaço público, unem-se na explosão de 24 horas de música, *performances*, trocas, no seu próprio jeito de gozar a vida (exaurindo o instante, sem preocupação com o que virá). Expressam na e pela arte a forma como querem estar-juntos. Assim, como destaca Rincón (2009, p. 245), pode-se “intuir que esses jovens sejam políticos em suas estéticas e vivências e que sejam cidadãos/criadores e não consumidores/midiatizados”.

Outro ponto a se pensar é que essa possibilidade do protagonismo, da criação tem sido em grande medida oportunizada pelo ciberespaço. A política na cibercultura, então, pode se dar de um modo em que o acento não esteja mais nos parâmetros forjados na Modernidade, do contrato social-econômico e político racional, mas por vias de um ativismo diferente exercido pelo que podemos nominar tribos de ciberartistas – essas juventudes que se encontram, criam, trocam e vivenciam experiências artísticas mediadas pelas tecnologias de comunicação. Tribos essas que se articulam na rede, estabelecem uma comunicação virtual, mas também se fazem presente ocupando os espaços urbanos e que, de alguma forma, fazem política ao romperem com a representação para, por outro lado, se “apresentar” (MAFFESOLI, 2006; CANEVACCI, 2005). Uma relação entre práticas estéticas e práticas políticas, bem ao modo pensado por Rancière, em seu *A partilha do sensível* (2005). Segundo o autor, atos estéticos ensejam novos modos do sentir e induzem novas formas de subjetividade política. Ocorre, então, uma partilha do sensível que fixa, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Esse comum pode ser a ocupação do espaço público (que é também um ato político) e as partes exclusivas, o modo de cada um experienciar esteticamente esse momento ao mesmo tempo libertador, dionisíaco e político.

### **Algumas considerações**

---

Algumas reflexões, portanto, são suscitadas mediante as surpresas visualizadas nesses grupos: de que nem todas as tribos funcionam por meio da mesma dinâmica, o que nos leva à ideia de imaginar intensidades diferentes nas participações desses grupos; de que as tribos na cibercultura, imersos na cibernocialidade (LEMOS, 2008) articulam-se num processo duplo de (in)visibilidade: ora estão escondidas por trás de suas senhas (nomes e códigos que não os identificam rapidamente); ora aparecem como forma de romper as normas (*Flash Mobs*, por exemplo); de que o viés estético está presente e os grupos ligados à arte estão mais próximos das noções propostas por Maffesoli. Observamos também duas questões: uma forte convergência das mídias e ferramentas de comunicação (o que dilui a informação e torna mais difícil a localização dos grupos) e também um modo efêmero de união que não se preocupa com continuidade, embora até possa ter (é o caso de páginas no Facebook criadas apenas para repassar informações sobre um evento e que depois perdem seu sentido). (ZACARIOTTI, 2017).

Percebe-se também a *juvenologia* no imaginário social que permeia a socialidade, revivendo em cada um a “criança” sensível, brincalhona, descompromissada, que pode ser bem exemplificada pela *Flash Mob* da guerra de travesseiros (que ocorreu no Rio de Janeiro) ou por adultos vestidos de zumbis percorrendo a cidade (Zombie Walk, em SP) e, por fim, a identificação dos ares de Afrodite no clima de sensualidade que também permeia a maioria das tribos pesquisadas. Uma sensualidade que se refere não apenas aos corpos, à sexualidade (as festas hedonistas e sensualizadas como as do grupo *Sacanagem*), mas à liberdade que se busca na vivência sem regras, a um retorno à natureza (encontros nos parques e jardins da cidade), ao sensual da natureza, na perspectiva Maffesoliana.

Talvez essa seja uma pergunta que fica: será que estaríamos vivenciando o pleno jogo do mundo embriagado (imaginário, sensual, hedonista, orgiástico) com o lúcido

---

mundo normatizado que minimamente necessitamos para viver? Tendo claro que o embriagado não é errado (embora as regras morais e éticas tradicionais pareçam nos ensinar isso); e o lúcido não é o seu oposto (mas o que conforma, o que norteia). Não será que estamos conjugando os dois mundos (da embriaguez e da lucidez) e não substituindo um pelo outro? Se mesmo em situações muito alternativas – como as que vimos em nossas metáforas dos modos de ser juvenis, em que o sensível, o prazer e o gozo estão em primeiro lugar (o que é da ordem da razão sensível) e em que a comunicação virtual impera – lança-se mão de um mínimo de projeto e de perenidade (o que seria da ordem do racional), então se pode dizer que tal conjugação (de mundos) é possível?

O fato é que não há festa promovida pelo *Sacanagem* ou evento do *Show de Rua* na praça se não houver combinação, ainda que pelas redes; se não se articular um modo de pagar (mesmo que colaborativo). Também se pode contestar o modo tradicional de trabalho e não tê-lo como principal projeto de futuro, mas novas estratégias para sobreviver são criadas.

Pelo que pudemos apreender nessa incursão pelas tribos, a sombra de Dionísio e de Afrodite podem mesmo cobrir a socialidade nesses tempos das tribos. Entretanto, parece que há algo mais do que apenas o brinde a Dionísio e Afrodite. Na festa deste “casamento” tem vinho (o orgiástico, o efêmero), tem dança (a celebração da vida, de momentos) tem beleza (a expressão da arte, o sensual, a proximidade com a natureza), tem interação (conexões no ciberespaço e no espaço público reconquistado). Mas dá para existir casamento sem nenhum contrato que o legitime? Como é que se firma esse compromisso? Que implicações essa união pode provocar na socialidade e na comunicação? É o que ainda precisa nos anunciar o *som* dos tambores Pós-Modernos e, claro, por meio de muitas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

CANEVACCI, Máximo. **Culturas eXtremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Trad. Olga Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LYOTARD, Jean-François. **A condição Pós-Moderna**. 2. ed. Lisboa, 1989.

LE MOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008, 295p.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre a pós-modernidade**. O lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

\_\_\_\_\_. **A sombra de Dionísio**. Rio de Janeiro: Zouke, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O nascimento da tragédia**: ou Helenismo e pessimismo. 2. ed. 3ª reimpr. Trad. notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.

\_\_\_\_\_. **Elogio da razão sensível**. São Paulo: Editora Vozes, 2001.

RINCÓN, Omar. Para compreendê-los, temos que criá-los: jovens, cultura e comunicação. **Matrizes**, a 3, n. 1 ago./dez. São Paulo, 2009, p. 241-246.

ZACARIOTTI, Marluce. **(IN)visibilidades das juventudes pós-modernas**: trilhas estéticas na cibercultura. Curitiba: Ed. CRV, 2017.